

A Sustentabilidade na perspectiva do Administrador

DIEGO ALEX GAZARO DOS SANTOS
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
di.a.s_rs@hotmail.com

GUILHERME MATTOS
Universidade Federal do Rio Grando do Sul
escrevaparaguilherme@hotmail.com

Área Temática: Gestão Socioambiental

A SUSTENTABILIDADE NA PERSPECTIVA DO ADMINISTRADOR

Resumo: Este estudo busca analisar de que forma os bacharéis em Administração percebem o tema Sustentabilidade. Para tal, fez-se uma pesquisa com 75 indivíduos graduados em Administração em faculdades e universidades dos três estados da região sul do Brasil. O instrumento utilizado foi questionário eletrônico, disponibilizado via link online. Este compreendeu 17 perguntas, sendo oito delas relativas ao perfil dos respondentes e as demais com os questionamentos em relação à sustentabilidade. Observou-se que pouco mais de um terço dos Administradores consultados estão totalmente sensibilizados quanto à relevância do tema sustentabilidade. A maioria dos pesquisados atribui grande importância às ações para preservação do meio ambiente e quase a totalidade dos respondentes adota cotidianamente práticas sustentáveis. O consumo consciente também está presente na vida dos Administradores, mas a coerência de todas estas práticas e preocupações ecológicas fica um pouco deturpada quando considerado que quase 80% da amostra sempre utiliza veículo para se locomover, ao invés de transporte público ou bicicleta.

Abstract: This study aims to examine how the bachelors in Business Administration realize the theme Sustainability. To this end, we carried out a research with 75 graduates in Business Administration at colleges and universities in the 3 states of southern Brazil. The instrument used was electronic survey, available via online link. This comprised 17 questions, eight of them related to the profile of respondents and the other asking about sustainability. Research showed that just over one-third of the bachelors surveyed are fully aware of the relevance of sustainability's relevance. The majority of respondents attaches great importance to actions preserving the environment and almost all of them routinely adopts sustainable practices. The conscious consumption is also present in the graduates' lives, but the consistency of all these practices and environmental concerns is a bit misleading when considering that almost 80% of the sample always uses vehicle to get around, rather than public transport or bicycle.

Palavras-chave: Sustentabilidade, Administrador, Desenvolvimento Sustentável.

INTRODUÇÃO

O autor Makower (2009, p. 253) expressa que os valores sociais moldam a forma como as pessoas veem o mundo, expressam seus ideais e influenciam até mesmo os comportamentos de consumo. Portanto, as ações que praticamos no dia a dia, o volume de consumo e o modo como consumimos, assim como a forma com que contribuímos positiva ou negativamente para a preservação do meio ambiente e a redução das desigualdades sociais estão diretamente atrelados à importância que atribuímos aos requisitos que constituem a sustentabilidade. O resultado disso é a escassez de recursos que, aliada à necessidade de melhorar a qualidade de vida das pessoas, suscita questões a serem debatidas e diferentes percepções a serem confrontadas.

É natural que, enquanto seres humanos, busquemos incessantemente meios de satisfazer nossas necessidades. Porém, eventualmente esquecemos que a atividade de consumo é apenas um meio de adquirir coisas para vivermos melhor e acabamos tratando-a como um fim em si própria, em que compramos o que não precisamos e cada vez geramos mais lixo, degradamos mais o meio ambiente e auxiliamos a intensificar a extinção dos recursos naturais, reiniciando um círculo vicioso, pautado pelo incremento da já referida escassez.

Se como indivíduos agimos desta maneira, nas empresas a conduta não é diferente. Considerando que as firmas podem ser vistas como um conjunto de recursos (PENROSE, 1958, p. 133), e que as pessoas fazem parte deste conjunto (sendo, possivelmente, o principal componente), não é difícil imaginar que o pensamento econômico predomine e a atenção a questões sociais e ambientais seja relevada a segundo plano. A esta lógica se contrapõe a sustentabilidade.

Para que se confira a devida consideração empresarial a respeito do tema, é fundamental que os gestores das organizações estejam preparados para entender e colocar em prática modelos de gestão sustentáveis, enfrentando as potenciais adversidades que se oponham a eles. As universidades e suas escolas de administração e negócios são, em uma perspectiva pedagógica, as responsáveis pela formação e qualificação destes indivíduos para a assunção de cargos de liderança e gerência. Mundialmente, estas escolas estão intensificando seus esforços para atender às questões e resolver os problemas relacionados com a sustentabilidade (PORTER; CORDOBA, 2009).

Torna-se relevante, portanto, averiguar o que os bacharéis em Administração entendem por sustentabilidade e seus conceitos periféricos, se eles consideram este tema importante e se praticam ações sustentáveis em seu cotidiano. O estudo aqui tratado tem por intenção investigar como estes bacharéis – que serão aqui denominados Administradores - percebem a sustentabilidade, especialmente a dimensão ambiental do referido tema. Para isso, as seções a seguir apresentam, em ordem, o referencial teórico utilizado para fundamentar a pesquisa e os consequentes entendimentos provenientes dela, a metodologia de pesquisa, os resultados obtidos, a análise destes resultados e, por fim, as considerações finais da pesquisa.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Da sustentabilidade ao desenvolvimento sustentável

A noção econômica de sustentabilidade, como adjetivo de desenvolvimento, descende da compreensão emergente, ao longo do século XX, de que “o padrão de produção e consumo em expansão no mundo, sobretudo no último quarto desse século, não tem possibilidade de perdurar” (NASCIMENTO, 2011). Freeman e Soete (2008) destacam a importância de se pensar as políticas voltadas ao desenvolvimento, mais precisamente as de ciência e tecnologia, enfatizando um enfoque sistêmico, que privilegie a sustentabilidade.

As origens das discussões sobre Sustentabilidade remontam à década de 1950, quando a humanidade passou a perceber os impactos ambientais decorrentes da poluição nuclear. Com a Conferência de Estocolmo, em 1972, os países desenvolvidos e aqueles em desenvolvimento – então nominados de terceiro mundo – passaram a discutir a preocupação com o meio ambiente. Enquanto os primeiros desejavam manter sua qualidade de vida, os demais atribuíam ao seu baixo crescimento o motivo da degradação ambiental. Os países de terceiro mundo concluíram então que, necessariamente, para que houvesse a solução dos problemas ambientais, precisaria haver uma forma de erradicar a pobreza, agregando ao debate a dimensão da responsabilidade social (NASCIMENTO, 2010).

Isto posto, introduz-se a dimensão social ao binômio desenvolvimento e meio ambiente a partir do documento *Only One Earth*, produzido pela ONU. Logo em seguida, a crise do petróleo também lançou luzes sobre a descarbonização da economia, ao fazer com que os países desenvolvidos tivessem de buscar novas fontes energéticas, ao invés daquelas emissoras de gases de efeito estufa. Ainda na década de 1970, a partir da tomada de consciência em relação aos danos ambientais, começaram a surgir as primeiras agências governamentais voltadas ao assunto (NASCIMENTO, 2010).

É então que, em 1987, a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD), com vistas a estimular os esforços para a preservação do meio ambiente - conciliando a preocupação ambiental com o crescimento econômico - até então ainda escassos, lança o relatório *Our Common Future* - Nosso Futuro Comum, em português (NASCIMENTO, 2010). Este salienta que é preciso haver uma harmonia entre seres humanos e natureza, sendo que o crescimento econômico por si só não pode ser considerado desenvolvimento. Para que isso aconteça, é preciso que haja também uma melhora da qualidade de vida das pessoas e das sociedades. Tal documento é um marco, pois concebeu o termo Desenvolvimento Sustentável (NASCIMENTO; LEMOS; MELLO, 2008).

O relatório *Nosso Futuro Comum*, também conhecido como Relatório *Brundtland*, conceitua Desenvolvimento Sustentável como “aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades” (CMMAD, 1991, p. 46). Nascimento, Lemos e Mello (2008, p. 61) expõem que o desenvolvimento sustentável está apoiado em um tripé constituído das dimensões econômica, social e ambiental. Para os autores, o papel do indivíduo é central na valorização, manutenção e desenvolvimento do capital natural, de modo que nosso modo de vida atual deve estar alicerçado na geração de renda, e não na destruição de ativos (p. 63).

Sustentabilidade no ensino de administração

É essencial que para haver a possibilidade de construção de uma sociedade e um futuro sustentável para esta, formemos gestores competentes, conscientes e atentos a este respeito. Uma abordagem transversal da sustentabilidade já é pregada pelas universidades, porém, ainda há resistência. As instituições de ensino superior continuam sendo moldadas e influenciadas por normas culturais que defendem o individualismo, o industrialismo e o militarismo, por exemplo, e ignoram os valores ecológicos (KURUCZ; COLBERT; MARCUS, 2013).

Guerreiro Ramos já expunha que a educação formal, em seus moldes atuais, é alvo de críticas, pois não estimula a criatividade e o desenvolvimento da sensibilidade dos estudantes, orientando-os a se transformarem em indivíduos detentores de emprego no sistema de mercado (1989, p. 145). Nesta mesma linha segue o entendimento do Ministério do Meio Ambiente (2015a), quando se refere à educação ambiental:

[...] o modelo de educação vigente nas escolas e universidades responde a posturas derivadas do paradigma positivista e da pedagogia tecnicista que postulam um sistema de ensino fragmentado em disciplinas, o que se constitui um empecilho para a implementação de modelos de educação ambiental integrados e interdisciplinares.

Educação Ambiental é um tema correlato à sustentabilidade, mas tem conotação diferente de educação para a sustentabilidade. De acordo com o Ministério do Meio Ambiente (2015b), a Conferência Internacional de Tbilisi, realizada em 1977, apontou que educação ambiental:

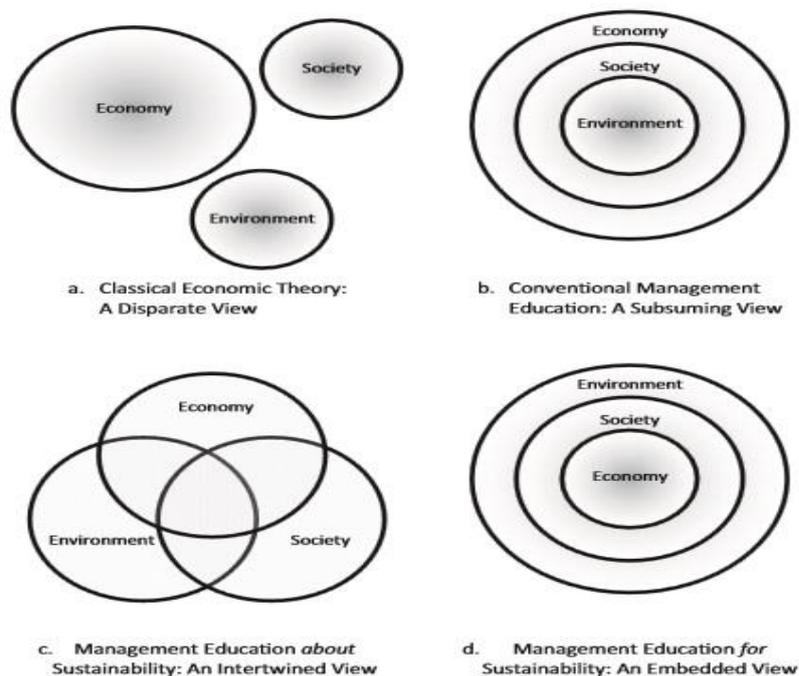
[...] é um processo de reconhecimento de valores e clarificações de conceitos, objetivando o desenvolvimento das habilidades e modificando as atitudes em relação ao meio, para entender e apreciar as inter-relações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios biofísicos. A educação ambiental também está relacionada com a prática das tomadas de decisões e a ética que conduzem para a melhora da qualidade de vida.

Enquanto isso, educação para a sustentabilidade significa uma abordagem mais holística, que supera as fronteiras da educação ambiental para incluir a inter-relação e os impactos entre as esferas social, ambiental e econômica, habilitando uma discussão menos reducionista e mais transversal (LIMA, 2003).

Kurucz, Colbert e Marcus (2013), fazem uma construção dos relacionamentos entre economia, sociedade e meio ambiente (facetas do tripé da sustentabilidade) ao longo do tempo, partindo da visão da teoria econômica clássica (Figura 1). Nesta, as três referidas dimensões são tratadas como independentes. Abordagens gerenciais mais recentes reconhecem a interdependência entre os elementos, mas tratam, em um primeiro momento, o meio ambiente como submisso à economia e à sociedade.

O resultado da evolução destas abordagens é o desenvolvimento de uma educação gerencial sobre a sustentabilidade em que o meio ambiente, a sociedade e a economia estão entrelaçados. Este último modelo com certeza tem sua importância, contudo, ainda negligencia as diferentes realidades ecológicas e dificulta, conseqüentemente, uma concepção holística do chamado tripé da sustentabilidade. Em uma perspectiva ecológica, mais avançada, as facetas deste tripé são círculos concêntricos, em que a economia está inserida na sociedade e a sociedade está inserida no meio ambiente.

Figura 1 - A Construção Social de Relações Físicas no Gerenciamento da Educação



Fonte: Kurucz, Colbert e Marcus (2013).

O interesse em discutir a educação para a sustentabilidade tem aumentado, exprimem Porter e Cordoba (2009). De acordo com os autores, é crescente o número de estudos que se ocupam de refletir, compreender e desenvolver o assunto. Eles propõem uma abordagem sistêmica de educação para a sustentabilidade como forma de ajudar os estudantes a entenderem que são parte de um sistema com entidades muito maiores, que transcendem o *locus* acadêmico, provendo ferramentas para que os mesmos compreendam a complexidade e as tensões das questões relacionadas à sustentabilidade, desenvolvam e implementem soluções.

MÉTODOS

Metodologicamente, o presente estudo pode ser considerado exploratório e descritivo, em relação aos fins, e bibliográfico. Os dados foram coletados através de questionário semiestruturado (contendo perguntas abertas e fechadas) disponibilizado online, através da ferramenta Google Docs, aos respondentes entre os dias 24 de junho e 07 de julho de 2015. O instrumento de pesquisa contou com 17 perguntas, sendo oito obrigatórias e relacionadas ao perfil dos respondentes, e as demais sobre o tema sustentabilidade. Destas últimas, apenas uma questão era obrigatória; duas perguntas eram abertas e as outras cinco, por conseguinte, fechadas.

Utilizou-se como referência para a construção do instrumento de pesquisa os questionários do Instituto ADVB de Responsabilidade Socioambiental (IRES, 2014) e da Diretoria de Sustentabilidade Ambiental da Universidade Federal de Uberlândia (DIRSU, 2011), e o teste do Instituto Akatu sobre consumo consciente (AKATU, 2015).

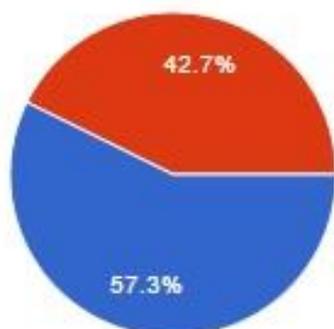
APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Esta seção irá apresentar e discutir os resultados obtidos na pesquisa supracitada. Primeiramente, será caracterizada a amostra a que se teve acesso para que, em seguida, se façam os relatos pertinentes relativos aos dados coletados. Devido a fins didáticos e para melhor fluidez do texto, a expressão “bacharéis em Administração” e suas variações será aqui intercalada com o termo “Administradores” e derivados deste, mesmo que legalmente, segundo o Conselho Regional de Administração do Rio Grande do Sul (2015) Administrador seja apenas o bacharel em Administração registrado no respectivo Conselho Regional de Administração (CRA/UF). Como veremos, pelo fato de o registro não ser obrigatório, nem todos os graduados em Administração optam por filiarem-se ao CRA/UF.

A amostra consultada foi composta por 75 bacharéis em Administração, formados em faculdades e universidades dos três estados da região Sul do Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná). Dentre as profissões exercidas por estes profissionais, temos professores universitários, consultores empresariais, estudantes, economiária, supervisores de vendas, auxiliar de depósito, bancário, financeira, *controller*, servidores públicos, gerentes administrativos e de serviços, analista de suprimentos, locutora de rádio, assistente de departamento de pessoal, empresários e gestores de empresas.

Este perfil diversificado de atuação dos Administradores deixa claro as possibilidades que a graduação em Administração abre a seus bacharéis. O gráfico 1, a seguir, mostra a distribuição dos participantes da pesquisa em relação ao sexo. Percebe-se que os homens representam 57,3% da amostra e as mulheres, 42,7%.

Gráfico 1 – Distribuição dos respondentes por sexo



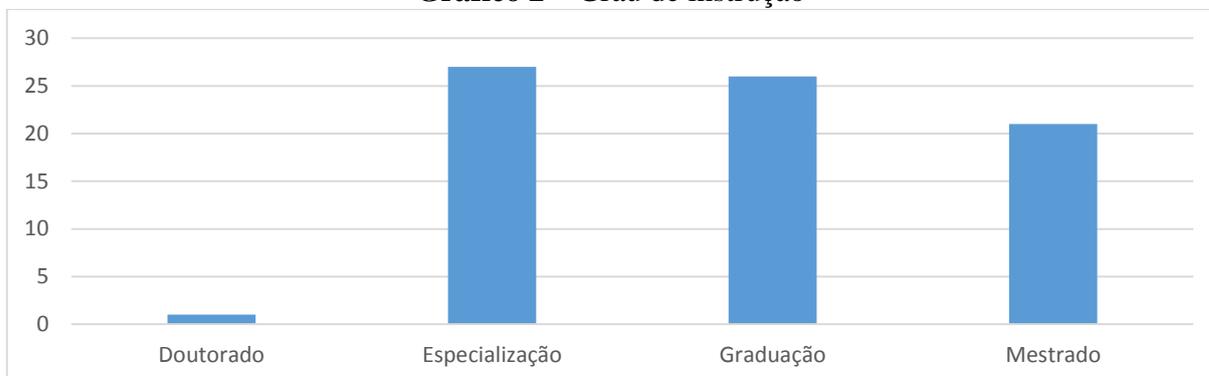
Masculino	43	57,3%
Feminino	32	42,7%

Fonte: Questionários preenchido por bacharéis em Administração graduados por faculdades e universidades da região Sul do Brasil entre junho e julho de 2015.

Enquanto isso, a faixa etária dos indivíduos variou entre 21 e 57 anos. Mais da metade dos respondentes, 42 pessoas, têm até 30 anos. Os demais 33 têm entre 31 e 57 anos. Desta soma de 75 respondentes, a maioria (36%) tem como grau máximo de instrução a especialização. Em seguida, a graduação aparece como o último nível de instrução atingido por 34,66% dos respondentes e o mestrado é o título obtido por 28% do total. Apenas uma pessoa, representando 1,33% do total possui doutorado (gráfico 2). Esta predominância de indivíduos com grau de especialização pode refletir o fato de que a simples graduação em Administração, dada sua multidisciplinaridade e quantidade de graduandos a nível nacional anualmente, não é

suficiente para configurar um diferencial profissional, demandando aos graduados nesta área que busquem aperfeiçoamento em um campo específico desta ciência social.

Gráfico 2 – Grau de instrução



Fonte: Questionários preenchido por bacharéis em Administração graduados por faculdades e universidades da região Sul do Brasil entre junho e julho de 2015.

Tendo em vista que quase a totalidade dos sujeitos consultados finalizou a graduação entre os anos de 2001 e 2014 (uma pessoa graduou-se em 1986 e outra em 1998) e posto que muitos declararam exercer cargos de gerência e liderança em suas respectivas áreas profissionais, supõe-se que grande parte dos entrevistados já tenha relativa experiência de gestão e que, de fato exercendo a Administração – especialmente nas áreas privadas de atuação do Administrador – estejam, então, registrados nos respectivos CRAs. Contudo, os dados coletados sugerem o contrário. Menos da metade dos bacharéis pesquisados, 44%, possuem carteira de identidade profissional, contra 56% dos respondentes que afirmam não estarem filiados junto ao Conselho Regional de Administração de seu Estado.

Caracterizada esta fração da população de administradores, faz-se a primeira – e central – pergunta deste artigo: o que os administradores entendem por Sustentabilidade? Este questionamento foi feito abertamente, sendo o primeiro dos nove relativos a percepção e práticas dos indivíduos pesquisados. Por se tratar de uma pergunta aberta, as respostas foram divididas em quatro categorias para proporcionar maior efetividade na análise. Cabe salientar era de caráter obrigatório a resposta a esta pergunta. O primeiro grupo constituiu-se daquelas pessoas que responderam ao questionamento mencionando a definição de desenvolvimento sustentável ou aproximando-se do conceito de todas as três dimensões do tripé da sustentabilidade. Estas foram consideradas sensibilizadas sobre o assunto.

A segunda categorização reuniu as respostas que mencionaram ao menos duas das variáveis da sustentabilidade. Rotulou-se os indivíduos pertencentes a este grupo como parcialmente sensibilizados sobre o tema sustentabilidade. O terceiro e quarto agrupamentos consideraram aquelas respostas que mencionaram apenas uma das dimensões – ou econômica ou social ou ambiental – e as que sequer chegaram próximas a um entendimento sobre o tema em questão, respectivamente. Aos indivíduos do penúltimo grupo, atribuiu-se a denominação “pouco sensibilizados”, enquanto que os do último foram considerados não sensibilizados.

Foram 30 respostas na primeira categoria, o que corresponde a mais de um terço do total de respostas. Frases definindo a sustentabilidade como sendo composta por “três principais eixos - ambiental (ações como gerenciamento de resíduos), social (p.ex., interferências para redução da pobreza) e econômico (como equilíbrio na distribuição de riquezas)” e até mesmo fazendo

uma diferenciação entre sustentabilidade e desenvolvimento sustentável foram alocadas ao conjunto em questão. O exemplo a seguir (uma das respostas obtidas) ilustra esta situação:

“Diferente do desenvolvimento sustentável, que é algo mais amplo, que está relacionado diretamente com grandes transformações no modo de produção e consumo da nossa sociedade, acredito que a sustentabilidade está mais atrelada com práticas pró-ambiente, pró-pessoas e pró-economia. Nesse sentido, vejo a sustentabilidade como um sistema que possui diferentes dimensões, que são comumente distribuídas em dimensão ambiental, dimensão social e dimensão econômica. Por isso, entendo que colocar "sustentabilidade econômica" ou "sustentabilidade ambiental" não faz sentido, uma vez que a sustentabilidade é mais do que isso - estaríamos falando da dimensão econômica e da dimensão ambiental, nestes casos. Precisamos compreender o que significa este conceito e o que significam estas dimensões, para evitar confusões de definições. A sustentabilidade não é só gestão ambiental, como muitos querem acreditar. É muito mais do que separar lixo e fazer xixi no banho; é luta, é pressão, é transformação”.

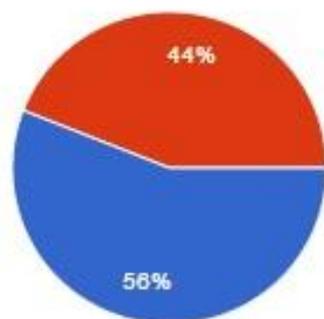
Partindo desta análise, 40% dos entrevistados podem ser considerados sensibilizados em relação ao tema sustentabilidade. Enquanto isso, os indivíduos parcialmente sensibilizados perfazem pouco mais de 8% dentre os respondentes. Em suas respostas, estes mencionaram ao menos duas das dimensões tratadas pela sustentabilidade. A sustentabilidade definida a partir de proposições tais como “ações que visam preservar a continuidade da nossa espécie, que englobam todo o nosso ser, financeiro, ambiente, saúde, natureza” e “algo que produzimos e que possa gerar rendas sem prejudicar o meio ambiente mesmo tirando sua renda dele” exemplifica o entendimento destas pessoas, que acabaram negligenciando uma das dimensões, notadamente a dimensão social.

O terceiro grupo de respostas, pertinente àqueles que evidenciaram apenas uma dimensão em seus discursos, corresponde ao conjunto composto por 28% dos entrevistados. A maioria destes ressaltou o único pilar como sendo o ambiental. Demonstra-se isto com as seguintes sentenças: “utilizar de maneira adequada e equilibrada os recursos que a natureza disponibiliza ao homem” e “seria tudo o que pode ser feito sem agredir a natureza”. Estes são os pouco sensibilizados quanto à noção de sustentabilidade.

Por último, a quarta categorização é o extremo oposto da primeira. São aquelas respostas vagas ou que não têm ligação com a sustentabilidade. Exemplos são: “sustentabilidade eu acho que seria algo sustentável a longo prazo”, “aquilo que é sustentável, aquilo que dá suporte para alguma coisa” e “a prática em permitir um equilíbrio”. São 24% do total da amostra os indivíduos que se encaixam nesta delimitação, os quais, portanto, rotulou-se como não sensibilizados do que é a sustentabilidade.

Dado o conjunto total de respostas, pode-se auferir que há muitos administradores que compreendem holisticamente a sustentabilidade. Entretanto, ainda são muitos os que consideram apenas uma ou duas das dimensões do *triple bottom line*, prevalecendo em muitas das respostas o senso comum, ligando a sustentabilidade quase que unicamente à dimensão ambiental, negligenciando os aspectos econômico e social do tripé. Ainda, foi relativamente elevado o número de respondentes que demonstrou sequer a compreensão básica do termo sustentabilidade, evidenciando a necessidade da tomada de ações visando a preencher tal lacuna. Quando perguntados se já ouviram falar no tripé da sustentabilidade (ou *triple bottom line*), 56% responderam que sim, enquanto os demais 44% negaram. Dentre estes últimos, pode haver indivíduos que em alguma oportunidade já tiveram contato (lido, escutado ou ouvido) com o referido conceito, mas que por algum motivo (não lembraram, não perceberam, não acharam importante, etc.) que não é pertinente para os fins desse estudo analisarmos, não mencionaram. O gráfico 3, a seguir, expõe esta realidade.

Gráfico 3 - Conhecimento sobre o tripé da sustentabilidade

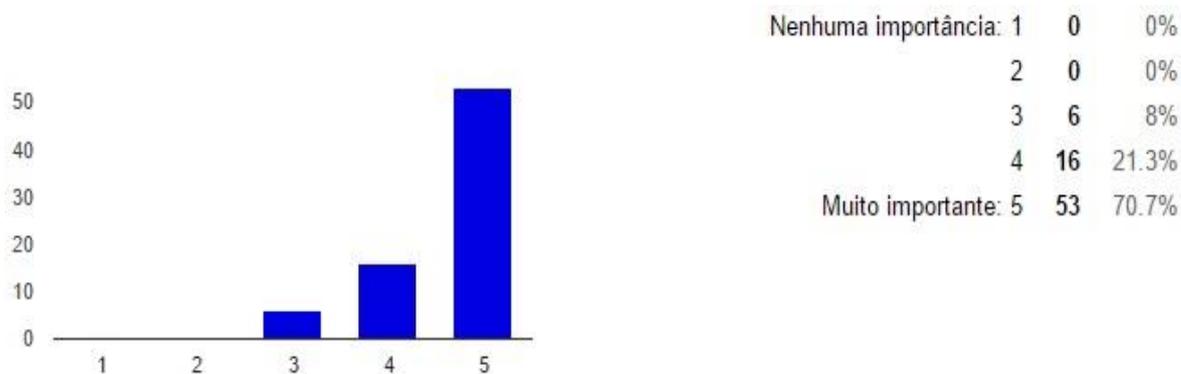


Sim	42	56%
Não	33	44%

Fonte: Questionários preenchido por bacharéis em Administração graduados por faculdades e universidades da região Sul do Brasil entre junho e julho de 2015.

Outro questionamento feito aos bacharéis foi o quanto eles consideram importante as ações para preservação do meio ambiente. Os mesmos deveriam opinar atribuindo, em uma escala de 1 a 5 (1 = nenhuma importância; 5 = muito importante) o grau de importância destas, de acordo com suas respectivas percepções. O resultado, exposto no gráfico 4, mostra que nenhum dos respondentes considera irrelevantes ou pouco importantes as ações voltadas a preservar o meio ambiente. A maioria, 70,7%, as considera muito importantes, enquanto que apenas 8% atribuem média importância para elas.

Gráfico 4 - Importância das ações para preservação do meio ambiente



Fonte: Questionários preenchido por bacharéis em Administração graduados por faculdades e universidades da região Sul do Brasil entre junho e julho de 2015.

Mesmo já havendo elementos que configuram o entendimento dos Administradores consultados sobre sustentabilidade, especialmente em relação à dimensão ambiental, procurou-se saber se de fato eles agem de forma que preconize os preceitos sustentáveis. A primeira pergunta a esse respeito foi o que estas pessoas fazem em seu dia a dia para preservar o meio ambiente. O gráfico 5, a seguir, denota os resultados:

Gráfico 5 – Ações cotidianas para preservação do meio ambiente



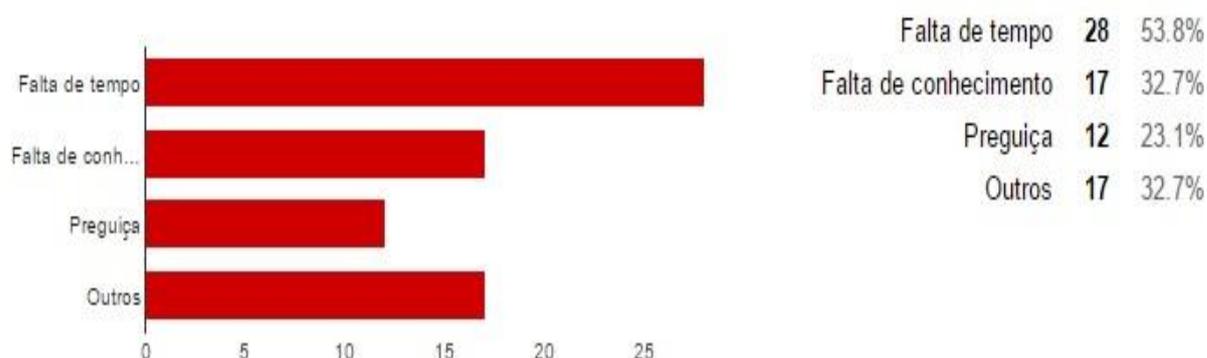
Fonte: Questionários preenchido por bacharéis em Administração graduados por faculdades e universidades da região Sul do Brasil entre junho e julho de 2015.

Sabendo que poderiam escolher múltiplas alternativas, os respondentes, em sua grande maioria (90,7%), revelaram fechar a torneira para escovar os dentes e evitar deixar lâmpadas acesas como as ações que mais praticam cotidianamente. Os que desligam os aparelhos eletrônicos quando não os estão usando e aqueles que separam o lixo são 74,7 e 72% da amostra, respectivamente. Por outro lado, apenas 24% evitam lavar o carro com água potável. A boa notícia é que a totalidade da amostra revelou praticar ao menos uma ação diária, mesmo que pequena, para preservar os recursos naturais. Além das opções disponibilizadas, alguns indivíduos ainda elencaram, na alternativa “outros”, demais práticas como, por exemplo, reaproveitamento de resíduos, redução de lixo domiciliar, armazenamento de água da chuva e uso de energia solar para aquecimento no banho.

Além do que estas pessoas já fazem visando atenuar seu impacto ambiental, questionou-se se elas intencionavam adotar outras ações/práticas. Em caso de resposta afirmativa, um outro questionamento era feito em sequência: por que elas então não adotavam estas outras ações, isto é, quais eram as dificuldades que impediam a nova postura. Primeiramente, o índice de respondentes que revelaram a intenção de praticar novas ações sustentáveis corresponde a 57,33%. Destes, 20,93% disseram que gostariam de separar o lixo seco do lixo orgânico, 13,95% de utilizar fontes renováveis de energia, 11,63% de adotar práticas de consumo sustentável e conscientizar as pessoas com as quais convive e 9,3% de reaproveitar a água da chuva.

Quando perguntados sobre as dificuldades para colocar em prática estas ações, falta de tempo e falta de conhecimento foram as principais justificativas, conforme é mostrado no gráfico 6.

Gráfico 6 - Dificuldades para a adoção de ações



Fonte: Questionários preenchido por bacharéis em Administração graduados por faculdades e universidades da região Sul do Brasil entre junho e julho de 2015.

As demais justificativas apontadas pelos Administradores, contidas na opção “outros”, para não adotarem demais práticas sustentáveis foram principalmente dificuldades financeiras (possivelmente para investir em energias renováveis, na maioria dos casos) e o fato de não haver coleta seletiva onde moram.

Quando questionados sobre quem teria maior responsabilidade para resolver os problemas ambientais, a maioria dos bacharéis apontou a sociedade (66,2%). Poucos atribuíram esta responsabilidade ao governo e às empresas 6,8% e 2,7%, respectivamente. Aqueles que responderam “outros” em sua maioria apontaram a necessidade de mudança de cultura e de melhorias na educação dos cidadãos do país, o que pode remeter tanto à sociedade quanto ao governo. Os números recém referenciados estão evidenciados no gráfico 7.

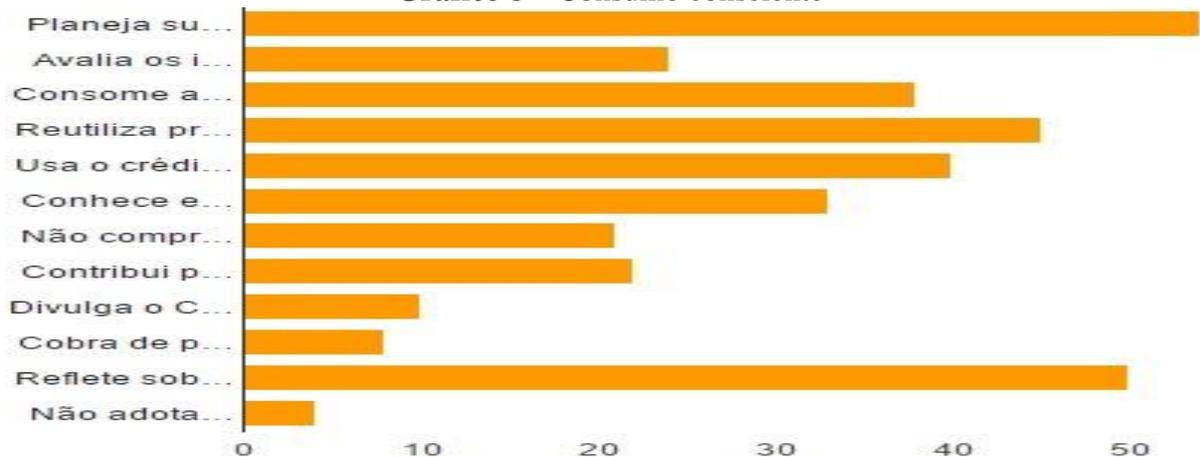
Gráfico 7 – Quem é o principal responsável pela solução dos problemas ambientais



Fonte: Questionários preenchido por bacharéis em Administração graduados por faculdades e universidades da região Sul do Brasil entre junho e julho de 2015.

Em relação ao consumo consciente, foram feitas afirmações para que os Administradores expusessem seus hábitos. Estes podiam apontar mais de um item, caso necessário. A frase que precedia cada uma das afirmações era “em relação ao consumo consciente, você...”. Os resultados são apresentados pelo gráfico 8, a seguir.

Gráfico 8 – Consumo consciente



Fonte: Questionários preenchido por bacharéis em Administração graduados por faculdades e universidades da região Sul do Brasil entre junho e julho de 2015.

A maior parte dos respondentes (72%) afirmou que “planeja suas compras, de modo a comprar menos e melhor”. Logo em seguida, a afirmação “reflete sobre os seus valores, avaliando constantemente os princípios que guiam suas escolhas e seus hábitos de consumo” foi corroborada por 66,7% dos respondentes. A terceira afirmativa, “reutiliza produtos e embalagens, de modo a consertar, transformar ou reutilizar produtos com defeitos” foi selecionada por 60% das pessoas que responderam à pesquisa.

Em seguida às três afirmações recém mencionadas como as mais citadas, vieram “usa o crédito conscientemente, de modo a pagar adequadamente as prestações” (53,3%), “consome apenas o necessário, de modo a refletir sobre as suas reais necessidades” (50,7%), “conhece e valoriza as práticas de Responsabilidade Social das Empresas, identificando não só o preço e a qualidade” (44%), “avalia os impactos de seu consumo, de modo a levar em consideração o meio ambiente e a sociedade em suas escolhas” (32%), “contribui para a melhoria de produtos e serviços, adotando uma postura ativa” (29,3%), “não compra produtos piratas ou contrabandeados, de modo a gerar mais empregos e combater o crime organizado e a violência” (28%), “divulga o Consumo Consciente, sendo um militante da causa” (13,3%) e “cobra de políticos, exigindo de partidos, candidatos e governantes propostas e ações que viabilizem e aprofundem a prática do consumo consciente” (10,7%). 5,3% dos indivíduos relataram não adotar práticas de consumo consciente.

Por fim, a última questão levantada foi relacionada aos meios de locomoção utilizados pelos Administradores. Veículo, transporte público, bicicleta e “a pé” foram levados em consideração. Perguntou-se com que frequência a pessoa se locomove pelo meio referido. Utilizou-se a medida escalar “nunca, raramente, às vezes, quase sempre e sempre” para avaliação. A grande maioria (77%) dos indivíduos utiliza veículo quase sempre ou sempre para locomoção diária. Enquanto isso, poucos utilizam transporte público em seu dia a dia: 71,6% dos bacharéis em administração nunca ou raramente utilizam transporte público. Também são muito poucos os que se locomovem por meio de bicicleta: 75,7% nunca a utilizam. Por outro lado, aqueles que nunca ou raramente se locomovem a pé perfazem um total de 29,7% da amostra. Os que quase sempre ou sempre tem este como seu principal meio para se locomover respondem a 24,4% dos respondentes. Os que responderam que se locomovem a pé às vezes são a maioria: 45,9%.

CONCLUSÃO

O presente estudo buscou analisar de que forma os bacharéis em Administração percebem o tema Sustentabilidade. Para tal, fez-se uma pesquisa com 75 indivíduos graduados em Administração em faculdades e universidades dos três estados da região sul do Brasil. O instrumento utilizado foi questionário eletrônico, disponibilizado via link online. Este compreendeu 17 perguntas, sendo oito delas relativas ao perfil dos respondentes e as demais com os questionamentos em relação à sustentabilidade. Depreendeu-se dos dados coletados que pouco mais de um terço dos bacharéis entrevistados têm plena consciência do que se trata a sustentabilidade. A lacuna de entendimento dos demais dois terços é um potencial ponto de melhoria a ser trabalhado, especialmente se considerarmos que 44% da amostra desconhece o que é o tripé da sustentabilidade.

Um ponto positivo a ser salientado é o fato de 82% dos respondentes terem atribuído alto grau de importância para as ações de preservação do meio ambiente. Isto demonstra a consciência dos Administradores em relação ao tema e denota certo comprometimento dos mesmos com o assunto. A coerência deste comprometimento se reflete nos 90,7% de respondentes que revelaram adotar ao menos uma prática cotidiana – mesmo que básica – para preservar o meio ambiente.

Consultou-se, em seguida, se havia alguma outra ação sustentável que os indivíduos pesquisados gostariam de adotar e, caso respondessem afirmativamente, por que não a(s) adotava(m). Entre aqueles que responderam à pergunta, 57,33% disseram que sim, gostariam de adotar uma nova prática. Destes, 53,8% justificaram as dificuldades afirmando que lhes falta tempo. A maioria dos bacharéis pesquisados (66,2%) também atribui à sociedade o papel de principal agente responsável pela resolução dos problemas ambientais, índice similar daqueles que planejam suas compras, de modo a comprar menos e melhor (72%), contribuindo para o consumo consciente. Em contrapartida, 77% das pessoas entrevistadas sempre se locomovem por meio de veículos, em detrimento ao transporte público, com bicicleta e a pé, aumentando os impactos negativos no meio ambiente.

É necessário ponderar que este trabalho não tem a pretensão de usar a amostra aqui estudada para generalizações, mesmo porque se esta fosse a intenção, um número maior de indivíduos deveria ser consultado e o recorte da amostra melhor delineado. O estudo em questão optou por uma visão geral da interação Sustentabilidade-Administrador, como forma de estimular a discussão sobre a preparação acadêmica, o entendimento e a coerência na prática dos bacharéis em Administração, líderes ou futuros líderes regionais, nacionais ou globais em um mundo cada vez mais consciente e desejoso por modos de vida e soluções sustentáveis.

Sugere-se que estudos posteriores estratifiquem a amostra de acordo com o maior grau de instrução obtido pelos bacharéis (graduação, especialização, mestrado, doutorado, pós-doutorado). Assim, poder-se-á descobrir a relação existente (ou inexistente) entre o grau de instrução e a percepção de Sustentabilidade. Outras formas de estratificação também podem ser válidas, tais como por estado ou instituição em que cursou a graduação, por exemplo. Pode-se ainda cruzar os dados obtidos, de forma a descobrir potenciais correlações entre as variáveis (por exemplo, sexo e comportamento de consumo, idade e entendimento de sustentabilidade, etc.).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKATU. **Teste do Consumo Consciente**. Disponível em: <<http://tcc.akatu.org.br/>> Acesso em: 11 jun. 2015.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (CMMAD). **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

CONSELHO REGIONAL DE ADMINISTRAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL (CRA/RS). **Bacharel em Administração**. Disponível em: <http://crars.org.br/bacharel_administracao> Acesso em: 14 jun. 2015.

DIRETORIA DE SUSTENTABILIDADE SOCIOAMBIENTAL (DIRSU). **Questionário sobre sustentabilidade na universidade**. Disponível em: <<http://www.sustentavel.ufu.br/node/74>> Acesso em: 11 jun. 2015.

FREEMAN, Chris; SOETE, Luc. **A Economia da Inovação Industrial**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

INSTITUTO ADVB DE RESPONSABILIDADE SOCIAL (IRES). **14ª Pesquisa Nacional sobre responsabilidade social e práticas sustentáveis nas empresas**. São Paulo: 2014.

JACOBI, P. R.; RAUFFLET, E.; ARRUDA, M. P. A educação para a sustentabilidade nos cursos de Administração: reflexão sobre paradigmas e práticas. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 12, n. 3, p. 21-50, 2011.

KURUCZ, Elizabeth C.; COLBERT, Barry A.; MARCUS, Joel. Sustainability as a provocation to rethink management education: Building a progressive educative practice. **Management Learning**, v.45, n.4, p. 437-457, 2013.

LIMA, G. da C. **O discurso da sustentabilidade e suas implicações para a educação**. Ambiente e Sociedade, v. 6, n. 2, p. 99-119, jul./dez. 2003.

MAKOWER, Joel. **A Economia Verde: descubra as oportunidades e os desafios de uma nova era dos negócios**. São Paulo: Editora Gente, 2009.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). **Declaração de Brasília para a Educação Ambiental**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/politica-de-educacao-ambiental/documentos-referenciais/item/8069>> Acesso em: 10 jun. 2015a.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). **Conceitos de Educação Ambiental**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/politica-de-educacao-ambiental>> Acesso em: 10 jun. 2015b.

NASCIMENTO, E. P. **Trajatória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico**. Estudos Avançados v.26, n.74, 2012.

NASCIMENTO, L. F.; LEMOS, A. D. da C.; MELLO, M. C. A. de. **Gestão Socioambiental Estratégica**. Porto Alegre: Bookman, 2008.

PENROSE, Edith (1958). **A Teoria do Crescimento da Firma**. Campinas, Editora da Unicamp, 2006.

PORTER, T.; CORDOBA, J. Three views of systems theories and their implications for sustainability education. **Journal of Management Education**, London, v. 33, n. 3, p. 323-346, Sept. 2009.

RAMOS, A. G. **A Nova Ciência das Organizações**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1989.